



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

QUESTÃO AMBIENTAL NO CAPITALISMO CONTEMPORÂNEO: RELAÇÃO ENTRE NATUREZA E ORDEM DO CAPITAL EM CRISE

Silvana Crisostomo da Silva

silvanasilva103@gmail.com

Centro Universitário Maurício de Nassau - UNINASSAU

Brasil

Maria das Graças e Silva

gracita.pe@gmail.com

Universidade Federal de Pernambuco – UFPE

Brasil



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

RESUMO

Nas últimas décadas, algo em comum chama a atenção da população mundial: as notícias de desastres socioambientais, como enchentes, furacões, tsunamis; as mudanças climáticas, com o aquecimento global, que alterna drasticamente as temperaturas nos mais variados cantos do globo terrestre; o desgaste do solo pelo desmatamento tanto para a finalidade da agricultura e pecuária como pela extração de madeira para venda; a contaminação da terra e dos lençóis freáticos pelo lançamento de efluentes e despejo inadequado de resíduos sólidos, etc.. A partir do método de análise marxiano podemos analisar que esse cenário de destrutividade ambiental tem no seu cerne a *apropriação privada* da natureza. Uma minoria, que se apropria do trabalho alheio, é a mesma que privatiza os recursos naturais, os extrai e os torna mercadorias. Nesse complexo processo, é a sociabilidade fundamentada em lucros e exploração da natureza que determina o surgimento da questão ambiental. Diante disso, este estudo teve por intuito analisar as determinações do capitalismo contemporâneo sobre a natureza. Para isso, nos subsidiamos em pesquisa bibliográfica. Na sociabilidade capitalista, há a ruptura do metabolismo entre homem e natureza, tendo em vista a apropriação da natureza e do trabalho como mercadorias. Neste processo, o homem deixa de se reconhecer no trabalho e como parte constituinte da natureza, consolidando a alienação para consigo, seu trabalho e o ambiente físico-natural. Dessa forma, a natureza perde o sentido fundamental da realização do ser social – do seu *valor de uso*, pois também é transformada em mercadoria, comercializada e degradada em prol da obtenção de lucro. A natureza é esvaziada do sentido de satisfação das necessidades coletivas, sendo transformada em um negócio, fonte de lucratividade e acumulação de capital. Em plena crise sistêmica do capitalismo, que possui o caráter universal, global, extenso e rastejante, pode-se destacar um conjunto de desdobramentos, como: 1) *as metamorfoses do mundo do trabalho*; 2) *o papel do Estado*; 3) *a financerização do capital*. As crises são orientadas pela alta produção em detrimento das necessidades dos grupos sociais explorados e pelo desperdício de matéria prima e força de trabalho despendida, ao descartarem alimentos e vidas, quando estes não são rentáveis o suficiente para a classe dominante. Portanto, a falaciosa tentativa de estabelecer um equilíbrio entre a oferta e a demanda permeia a ordem do capital e se iguala à contraditória tentativa de compatibilizar expansão e destruição, pois esse sistema, ao mesmo tempo em que “desbrava” novos nichos de mercado (países periféricos), leva consigo suas pragas, quase que proféticas, de destrutividade e incontrolabilidade. Estas circundam a história desse modo de produção.

Palavras-chave: Questão ambiental; capitalismo contemporâneo; crise.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

ABSTRACT

In recent decades, something in common has caught the attention of the world population: the news of socio-environmental disasters, such as floods, hurricanes, tsunamis; climate change, with global warming, which drastically alternates temperatures in the most varied corners of the globe; soil erosion due to deforestation for both the purpose of agriculture and livestock production and the extraction of wood for sale; the contamination of land and groundwater by the discharge of effluents and inadequate disposal of solid wastes, etc. From the method of Marxian analysis we can analyze that this scenario of environmental destructiveness has at its core the private appropriation of nature. A minority, which appropriates the labor of others, is the same as privatizing natural resources, extracting them and making them commodities. In this complex process, it is the sociability based on profits and exploration of nature that determines the emergence of the environmental issue. In view of this, this study aimed to analyze the determinations of contemporary capitalism about nature. For this, we subsidize bibliographic research. In capitalist sociability, there is the breakdown of metabolism between man and nature, in view of the appropriation of nature and labor as commodities. In this process, man stops recognizing himself in work and as a constituent part of nature, consolidating alienation to himself, his work and the physical-natural environment. In this way, nature loses the fundamental meaning of the realization of the social being - of its use value, since it is also transformed into a commodity, marketed and degraded in order to obtain profit. Nature is emptied of the sense of satisfaction of collective needs, being transformed into a business, source of profitability and capital accumulation. In the midst of the systemic crisis of capitalism, which has the universal, global, extensive and creeping character, a series of developments can be highlighted, such as: 1) the metamorphoses of the world of work; 2) the role of the State; 3) the financing of capital. Crises are driven by high production to the detriment of the needs of exploited social groups and the waste of raw material and labor power expended by discarding food and lives when they are not profitable enough for the ruling class. Therefore, the fallacious attempt to strike a balance between supply and demand permeates the order of capital and equals the contradictory attempt to reconcile expansion and destruction, since this system, at the same time as it 'breaks' new market niches peripheral), carries with it its almost prophetic plots of destructiveness and uncontrollability. These encircle the history of this mode of production.

Keywords: Environmental issue; contemporary capitalism; crisis.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

I. Introdução

O meio ambiente encontra-se no centro das discussões e tomadas de decisões internacionais, como também no cotidiano dos indivíduos, seja pela responsabilização coletiva com o acúmulo de lixo ou até mesmo pela culpabilização do indivíduo por um banho superior a cinco minutos em plena crise hídrica, a qual atingiu de maneira brutal as regiões Nordeste (2013) e Sudeste (2015) do Brasil, apenas para citar alguns exemplos. O contato com a natureza selvagem (cachoeiras, praias nativas, florestas, etc.) acaba sendo a relação mais próxima (e desejada) pelo homem do século XX, na medida em que a natureza é apreendida de forma externa ao homem, enquanto este é considerado, pelo pensamento hegemônico, como o causador dos males atuais.

O objetivo do trabalho que consiste em analisar a relação entre modo de produção capitalista e apropriação da natureza, buscando evidenciar as contradições do capitalismo contemporâneo no tocante à relação sociedade-natureza e a destrutividade que constitui sua marca essencial. Para isso, foi realizada pesquisa bibliográfica, subsidiada pela literatura clássica e atual. A síntese apresentada constitui-se em uma investigação concluída, sendo parte da dissertação intitulada “PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO DO SERVIÇO SOCIAL SOBRE A QUESTÃO AMBIENTAL: uma análise de seus fundamentos teórico-metodológicos e ídeo-políticos¹.

II. Desenvolvimento

Como ponto de partida deste trabalho, adotamos por suposto que a ordem do capital produz uma cisão entre sociedade e natureza, denominada por Marx de “Falha metabólica”. Para melhor evidenciá-la, cabe uma breve remissão ao processo de transformação da natureza que originou o ser

¹ A referida dissertação foi desenvolvida no curso de mestrado em Serviço Social, vinculado à Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Brasil.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

social, mediado pelo *trabalho*², bem tratar das principais inflexões deste processo na sociabilidade burguesa.

Marx (2010, p. 84) afirmou que

A natureza é o corpo inorgânico do homem, a saber, a natureza enquanto ela mesma não é corpo humano. O homem vive da natureza significa: a natureza é o seu corpo, com o qual ele tem de ficar num processo contínuo para não morrer. Que a vida física e mental do homem está interconectada com a natureza não tem outro sentido senão que a natureza está interconectada consigo mesma, pois o homem é uma parte da natureza.

Sendo assim, o homem é tão dependente da natureza como a abelha que necessita do pólen das flores para produzir mel. Dela, extrai sua alimentação, proteção, vestuário e tantas outros materiais que possibilitam a sobrevivência humana. No entanto, diferentemente dos animais, o homem se constitui como natureza e dela se diferencia, posto que ao transformá-la, também se transforma³. Assim, em um salto ontológico, o homem se distancia do ser natural, constituindo-se em ser social.

Inicialmente, esse processo possibilitou o desenvolvimento da fala articulada e descobertas fundamentais como o uso do fogo⁴. O processo de trabalho supõe o desenvolvimento da prévia-ideação/teleologia, que objetiva a construção material a partir do ordenamento das ideias, do planejamento, criando, dessa forma, os instrumentos que possibilitem a transformação da matéria com vistas ao atendimento de suas necessidades. Nessa dinâmica também ocorre o desenvolvimento da linguagem e a reprodução do conhecimento para gerações seguintes, dentre outras condições viabilizadas pela transformação da natureza, mediada pelo trabalho.

Na sociabilidade capitalista, há a ruptura do metabolismo entre homem e natureza, tendo em vista a apropriação da natureza e do trabalho como mercadorias. Neste processo, a relação do homem para com o trabalho torna-se cada vez mais estranhada, alienada a ele mesmo;

² Para Marx, o trabalho é “um processo entre o homem e a natureza, um processo em que o homem, por sua própria ação, medeia, regula e controla seu metabolismo com a natureza” (MARX, 1984, p.149).

³ Esse processo foi recuperado em Marx por Bellamy Foster, sob o conceito de *metabolismo social* ou *relação metabólica*: “o processo por meio do qual a sociedade humana transforma a natureza externa e, ao fazê-lo, transforma sua natureza interna” (FOLADORI, 2001, p.106).

⁴ O uso do fogo contribuiu para variar a ingestão de alimentos pelo homem. Novos nutrientes, provenientes da alimentação cárnea favoreceram o desenvolvimento do cérebro e a capacidade intelectual dos seres humanos (SANTOS, 2014).



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

consequentemente, essa condição também se reproduz em sua relação com a natureza (o homem é destituído da terra). Ou seja, o homem deixa de se reconhecer no trabalho e como parte constituinte da natureza, aprofundando a alienação para consigo, seu trabalho e o ambiente físico-natural.

Dessa forma, a natureza é transformada em mercadoria, comercializada e degradada em prol da obtenção de lucro. A natureza é esvaziada do sentido de satisfação das necessidades coletivas (como nas terras comuns), sendo transformada em um negócio, fonte de lucratividade e acumulação de capital.

A destrutividade ambiental tem no seu cerne a *apropriação privada* da natureza. A mesma minoria que se apropria do trabalho alheio é a que privatiza os recursos naturais, os extrai e os torna mercadorias⁵. Nessa sede por excedentes, o ambiente externo é degradado, deixa de servir à satisfação da necessidade básica de manutenção da vida humana, na medida em que lhe é incorporado o *valor de troca*, ou seja: é a quantidade de trabalho utilizada no processo de transformação da natureza que vai determinar quanto vale a mercadoria gerada, independente das necessidades que se destina suprir.

Nesse complexo processo, é a sociabilidade fundamentada em lucros e exploração da natureza para esses fins que determina o surgimento da questão ambiental. Destaque-se a acelerada dilapidação dos recursos naturais, intensificada no século passado através da obsolescência programada, a produção desmensurada de lixo, o aquecimento global, a perda da biodiversidade e demais processos devastadores do meio ambiente, os quais se intensificam com a crise estrutural do capital.

Mandel (1982, p.399) já apontava para essa conjuntura ao desnudar o capitalismo tardio (pós-1970):

[...] a crise das relações de produção capitalistas se apresenta como a crise de um sistema de relações entre os homens, dentro e entre as unidades de produção (empresas), que corresponde cada vez menos à base técnica do trabalho, quer em sua forma presente, quer em sua forma potencial. Podemos definir essa crise como uma crise não só das condições capitalistas de apropriação, valorização e acumulação, mas também de produção de mercadorias, da divisão capitalista do trabalho, da estrutura capitalista da empresa, do

⁵ Todas as mercadorias incorporam em seu processo de produção materiais provenientes da natureza. Ver Foladori (2008).



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Estado nacional burguês e da subordinação do trabalho ao capital como um todo. Todas essas múltiplas crises são apenas facetas diferentes de uma única realidade, de uma totalidade socioeconômica: o modo de produção capitalista.

Na última década, Mészáros (2011) atualiza essa discussão em sua obra “*Para além do capital*”, o que contribui na caracterização da crise, da qual é possível pontuar quatro principais aspectos que se manifestam e que a diferencia de tantas outras crises que já houve na história do capitalismo,

- (1) seu *caráter é universal*, em lugar de restrito a uma esfera particular (por exemplo, financeira ou comercial, ou afetando este ou aquele ramo particular de produção, aplicando-se a este e não àquele tipo de trabalho, com sua gama específica de habilidades e graus de produtividade, etc.);
- (2) seu *alcance é verdadeiramente global* (no sentido mais literal e ameaçador do termo), em lugar de limitado a um conjunto particular de países (como foram todas as principais crises no passado);
- (3) sua *escala de tempo é extensa, contínua*, se preferir, *permanente*, em lugar de limitada e cíclica, como foram todas as crises anteriores do capital;
- (4) em contraste com as erupções e os colapsos mais espetaculares e dramáticos do passado, seu *modo de se desdobrar* poderia ser chamado de *rastejante*, desde que acrescentemos a ressalva de que nem sequer as convulsões mais veementes ou violentas poderiam ser excluídas no que se refere ao futuro: a saber, quando a complexa maquinaria agora ativamente empenhada na “administração da crise” e no “deslocamento” mais ou menos temporário das crescentes contradições perder sua energia. (ibid, p.795)

O caráter universal, global, extenso e rastejante da crise sistêmica do capitalismo pode ser historicizado por um conjunto de desdobramentos, como: 1) *as metamorfoses do mundo do trabalho*; 2) *o papel do Estado*; 3) *a financeirização do capital*.

As expressões desse processo partem da crise do *ouro negro*, a partir do aumento exponencial do preço dos barris de petróleo⁶; a diminuição do crescimento econômico, tendo em vista o esgotamento do desenvolvimentismo do pós-guerra; os exorbitantes gastos sociais do Estado, segundo os argumentos dos opositores ao “Estado de Bem Estar Social”⁷; o avanço da organização

⁶ Esse aumento deu-se pelos maiores produtores de petróleo, centrados, principalmente, no Oriente Médio, visto o entendimento dos limites de existência do produto, sendo este um recurso natural não renovável.

⁷ No Brasil, esse processo passa do desenvolvimentismo autocrático burguês para um breve período de redemocratização da política, seguido do avanço do neoliberalismo, que se consolida no governo de Fernando Henrique Cardoso – FHC (Mandatos: 1995 – 1998 / 1999 – 2002).



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

da classe trabalhadora, através dos sindicatos, partidos políticos e demais organizações trabalhista; e os primeiros sinais do esgotamento dos recursos naturais e seus rebatimentos, como o aquecimento solar, desertificação, dentre outros.

Nesse contexto, o modelo fordista/taylorista, baseado na produção em massa com grandes estoques, uniformidade e padronização das mercadorias não fazia mais sentido, posto que a necessidade de expansão dos negócios capitalistas se confrontara com um mercado “saturado”, na conjuntura dos países centrais⁸. A rigidez, como característica matriz da produção fordista, deu vez às formas flexíveis, através da produção de mercadorias em pequenos lotes, com variedade de tipos de produto e baixos estoques, além do uso de avançadas tecnologias.

A chamada *acumulação flexível* ou *toyotismo*, ao invés de produzir no interior da fábrica, como anteriormente, opta por reduzir o “velho chão de fábrica”, [...] horizontaliza o processo produtivo e transfere a “terceiros” grande parte do processo produtivo (ANTUNES, 2010, p.196). Essa nova estrutura produtiva impulsiona uma nova estratificação dos trabalhadores, intensifica a precarização do trabalho e impulsiona uma nova divisão social do trabalho, marcada pela ideologia do “trabalhador livre”, de fato, desprovido de proteção social. Neste sentido, as metamorfoses no mundo do trabalho, principalmente as formas de organização e gestão da produção, configuram-se no interior do conjunto de estratégias do capitalismo para o enfrentamento de mais uma crise⁹.

Entretanto, essa montagem “globalizada”¹⁰ das mercadorias exacerba a precarização e exploração da força de trabalho ao terceirizar a produção para novos nichos de mercado com frágeis legislações trabalhistas e desumanas condições de vida. Isso possibilita, por exemplo, que um produto de uma empresa estadunidense se utilize do trabalho de homens, mulheres e crianças em

⁸ Vale destacar que o modelo fordista/taylorista predomina nos países periféricos, que passaram por processos diferenciados dos países centrais. Enquanto os centros de pesquisas situam-se nos últimos países, em sua maioria, as fábricas localizam-se nos primeiros países citados. Esse processo se dá pela precarização da força de trabalho e das legislações trabalhistas e ambientais mais frouxas nos países periféricos.

⁹ Diferentemente das crises cíclicas tem-se o início da crise estrutural do sistema do capital.

¹⁰ Harvey (2011a, p.22.) aponta que o “globalizar-se” não encontrou muitas dificuldades, por conta da radical reorganização dos sistemas de transporte e de comunicações, reduzindo os custos e otimizando o tempo para a efetivação do circuito mercantil das mercadorias, a exemplo “a containerização permitiu que peças feitas no Brasil pudessem ser utilizadas para montar carros em Detroit, e [...] os lançamentos da moda de Paris puderam ser quase imediatamente enviados a Manhattan por meio das maquiladoras de Hong Kong”.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

condições aviltantes de sobrevivência, em países periféricos, como Vietnã, Indonésia, Índia, Bangladesh, posteriormente comercializando as mercadorias para todo o globo terrestre.

Além disso, a adoção e/ou transição para a acumulação flexível implica também a durabilidade das mercadorias produzidas. Mészáros (2011) constata que esse processo transita da *maximização da “vida útil das mercadorias” ao triunfo da produção generalizada do desperdício*, a partir da *taxa de utilização decrescente* das mercadorias no capitalismo. Como o mercado não encontra mais tantos espaços para sua expansão resta fazer com que os antigos bens duráveis (que atendiam a necessidade de um mercado em ascensão no pós-guerra) tornem-se obsoletos, tanto pela drástica diminuição do tempo de vida útil, como pelo surgimento constante de mercadorias mais modernas¹¹.

Harvey (2011b, p.148) afirma que o modelo flexível permitiu “uma aceleração do ritmo da inovação do produto”, favorecendo o descarte, “a meia vida de um produto fordista típico, por exemplo, era de cinco a sete anos, mas a acumulação flexível diminuiu isso em mais da metade em certos setores (como o têxtil e o do vestuário)”.

O autor ainda complementa que a acumulação flexível acompanhou a ponta do consumo, implicando “uma atenção muito maior às modas fugazes e à mobilização de todos os artifícios de indução de necessidades e de transformação cultural (ibid). Ou seja, além de alterar a forma de produção, também impôs mudanças diretas no ato de consumo das mercadorias; a imediatividade reinante na *sociedade do consumo* é propagandeada pela publicidade e *marketing*, que contribui para o enaltecimento da satisfação de novas necessidades, criando uma sociabilidade sedenta pela aquisição de novas mercadorias e seu consequente descarte precoce¹². Em face da crise de superprodução¹³ – como um dos principais obstáculos à expansão da produção e do valor - a irracionalidade

¹¹ Ver documentário “Comprar, jogar fora, comprar: a história da obsolescência programada”, de Cosima Dannoritzer. Disponível em <www.youtube.com>.

¹² A problemática da obsolescência programada, bem como a *anarquia da produção* são pontos cruciais e intocáveis na discussão sobre o falacioso desenvolvimento sustentável e seus desdobramentos: economia verde e consumo consciente.

¹³ Marx e Engels (2008, p.31) elucidam a crise cíclica do capital, a partir das crises comerciais: “Nessas crises destrói-se uma grande parte dos produtos existentes e das forças produtivas desenvolvidas. Irrompe uma epidemia que, em épocas precedentes, pareceria um absurdo — a epidemia da superprodução. Repentinamente, a sociedade vê-se de volta a um estado momentâneo de barbarismo; é como se a fome ou uma guerra universal de devastação houvesse suprimido todos



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

do sistema do capital impõe uma crescente descartabilidade de mercadorias, de largas consequências socioambientais, seja no tocante à extração de matérias primas, seja quanto à produção inmensurável de lixo.

Diante dessa realidade, a expansão do uso de matérias-primas (fragmentos de natureza) ocorre em meio ao metamorfoseado mundo do trabalho. Antunes (2010, p.198) afirma que a classe trabalhadora encontra-se ainda mais “fragmentada, heterogênea e complexificada, dividida entre trabalhadores qualificados e desqualificados, do mercado formal e informal, jovens e velhos, homens e mulheres, estáveis e precários, imigrantes e nacionais, brancos e negros etc.”.

As transformações do capital também são mediadas pela via do Estado, com o encurtamento de seu caráter público para fazer face às necessidades coletivas. O receituário neoliberal¹⁴ que se expressa a partir da crise estrutural do capital, trouxe um extremo retrocesso para a organização dos trabalhadores, com a fragmentação da identidade e consciência classista em prol de uma maior ampliação de pautas supraclassista¹⁵, culminando em um processo de esmorecimento/passivação das lutas (MOTA, 2009).

Conjunturalmente, ocorreu uma profunda alteração na geopolítica mundial, com o fim da polarização entre o bloco socialista e o capitalista no mundo, a partir da derrota do “socialismo real” e a dissolução da *União das Repúblicas Socialistas Soviéticas* – URSS, a queda do muro de Berlim e a consequente subordinação do Leste Europeu aos ditames do capital internacional. Esse processo

os meios de subsistência; o comércio e a indústria parecem aniquilados. E por quê? Porque há demasiada civilização, demasiados meios de subsistência, demasiada indústria, demasiado comércio. As forças produtivas disponíveis já não mais favorecem as condições da propriedade burguesa; ao contrário, tornaram-se poderosas demais para essas condições que as entravam; e, quando superam esses entraves, desorganizam toda a sociedade, ameaçando a existência da propriedade burguesa. A sociedade burguesa é muito estreita para conter suas próprias riquezas. E como a burguesia vence essas crises? De um lado, pela destruição violenta de grande quantidade das forças produtivas; do outro, pela conquista de novos mercados e pela intensa exploração dos antigos. Portanto, prepara crises mais extensas e mais destrutivas, diminuindo os meios de evita-las.”.

¹⁴ Em 1989 houve uma reunião entre funcionários do Fundo Monetário Internacional – FMI, Banco Mundial, Banco Interamericano de Desenvolvimento, economistas latino-americanos e integrantes do governo norte-americano, sendo intitulada como o *Consenso de Washington*. Nesse evento internacional houve a formulação de um pacote de medidas econômicas e sociais que acabou tornando-se um receituário para a concessão de créditos aos países periféricos, que tiveram de segui-las fielmente.

¹⁵ Tem-se a luta das mulheres, da diversidade sexual, dos negros, etc.; é necessário ressaltar a importância da luta desses sujeitos sociais, entretanto, a nova conjuntura mundial descaracteriza essas pautas, suprimindo sua dimensão classista. Limita as lutas por direitos findados em si mesmo, através de legislações e “garantias” afirmativas, se distanciando da luta por reformas estruturais na construção de uma nova sociedade.



XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

foi propagandeado, ideologicamente, como sendo o “fim do socialismo” e até “fim do marxismo”. Ganham força as teses do fim da história e espalha-se o pensamento pós-moderno.

A análise da realidade por essa via “demoniza” o materialismo histórico dialético, a “verdade, critérios de verdade, método, todos eles têm um valor relativo porque todos eles são parciais” (TONET, 2007, p. 2), de acordo com os novos modismos das Ciências Sociais. Sobre essa problemática, Netto (2012, p. 420) discorre que

A imediatividade da vida social planetariamente mercantilizada é proposta como a realidade — e, não por acaso, a distinção epistemológica clássica entre *aparência* e *essência* é desqualificada. A realidade, na complexidade ontológica dos seus vários níveis, é apreendida no efêmero, no molecular, no descontínuo, no fragmentário, que se tornam a pedra de toque da nova “sensibilidade”: o *dado*, na sua singularidade empírica, desloca a totalidade e a universalidade, suspeitas de “totalitarismo”.

Porém, com aporte da perspectiva de totalidade pode-se afirmar que o conjunto das transformações na sociedade é reflexo das determinações econômicas, sociopolíticas, ídeo-políticas e ambientais, representadas pela reestruturação produtiva, pelo receituário neoliberal¹⁶/contrarreforma do Estado, pela defesa do “fim do trabalho/socialismo/marxismo”, pela questão ambiental, constituindo-se na metamorfose do capital. Por fim, como estratégia de “saída” da crise ainda se apresenta a financeirização do capital em níveis nunca antes constatados.

Iamamoto (2011, p.101) elucida que “o capital financeiro envolve a fusão do capital bancário e industrial em condições de monopólio capitalista, redundando na concentração da produção e na fusão de bancos com a indústria”. Em tempos atuais, Harvey (2011a, p. 41) aponta que nas diferentes identidades existentes de capitalistas “os capitalistas financeiros se preocupam em ganhar mais dinheiro emprestando a outras pessoas em troca de juros”.

Tal grupo é denominado como uma *oligarquia financeira*, que “tende a crescer com os lucros excepcionais, os empréstimos estatais, a especulação com terras, dentre outros mecanismos” (IAMAMOTO, 2011, p.101). Netto (2012, p. 419) alerta acerca do tal espalhamento dessa forma “regenerada” do capital, a oligarquia financeira, a qual “[...] controla o conjunto das riquezas sociais

¹⁶ Do receituário neoliberal, as medidas de liberalização financeira/abertura comercial, possibilidade de investimento direto estrangeiro, da autonomização das taxas de juros pelo mercado, bem como da adoção de competitivas taxas de câmbio contribuíram significativamente para a financeirização do capital.



XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

e exerce uma determinante ação planetária que inclusive ladeia as instâncias democrático-formais consagradas no Estado de direito”.

Apesar do poderio socioeconômico mundial que tal oligarquia detém, a mesma encontra limites quanto à essência fetichizada do dinheiro e os desdobramentos da aplicação deste, o *capital a juros*, apontados por Marx (1978a, p.261), desde o século XIX¹⁷.

[...] o *capital a juros* constitui o fetiche mais completo. Encontramos aqui o primeiro ponto de partida do capital – o dinheiro – e a fórmula $D - M - D'$, reduzida aos seus dois extremos $D - D'$. Dinheiro que cria mais dinheiro. É a forma mais originária e geral do capital concentrada num resumo sem sentido.

Dessa maneira, “o dinheiro ganha vida”, produz uma aparente autonomização em busca de se valorizar em si mesmo, sendo esta a ideia central do *juro*, que se desvincula da produção de mais-valia, da centralidade na relação capital *versus* trabalho. Marx (1978a, p.289), ilustra essa realidade ao dissociar o *lucro* ($D - M - D'$) do *juro* ($D - D'$),

O *lucro* contém sempre ainda uma referência ao capital em processo, ao processo em que a mais-valia é produzida. No *capital a juros* a figura da mais-valia não se alienou, não se tornou estranha como no lucro, sem imediatamente dar a conhecer sua figura simples e com isso sua substância e o fundamento de sua formação. No *juro*, ao contrário, essa forma alienada está posta, presente e formulada *explicitamente* como o essencial. Está fixada, tornada autônoma de *modo contrário* à verdadeira natureza da mais-valia. No capital a juros se apaga a relação do capital com o trabalho.

A incerteza de ganhos nos investimentos, bem como práticas legais ou ilegais na geração de mais dinheiro faz parte da atual realidade¹⁸. A crise financeira (constituente da crise estrutural do sistema do capital) tem em sua gênese a seguinte afirmação: *as ações eram uma coisa, mas a propriedade era outra* (ibid, p.29), ou seja, a aparente autonomização do dinheiro e do capital a juros da produção material revela seus limites. Essa “bolha especulativa” veio à tona em 2008, com a crise imobiliária nos EUA, diante do comércio de hipotecas (exorbitante discrepância entre o

¹⁷ Na obra “O rendimento e suas fontes - A economia vulgar” (1862).

¹⁸ Os três maiores setores de comercio externo global são as drogas, as armas ilegais e o tráfico de seres humanos (HARVEY, 2011a, p. 44).



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

valor cobrado às famílias, o que acabou inviabilizando a continuidade do financiamento das casas, etc.).

A financeirização do capital, em uma das suas faces mais perversas, exacerba o poder *inversor* que o dinheiro possui. Para Marx (1978b, p.31), esse poder inverte as “forças *efetivas, essenciais, humanas e naturais*”, visto que as transforma “em puras representações abstratas e, por isto, em *imperfeições*, em dolorosas quimeras” e fazem destas últimas “as forças essenciais realmente impotentes, que só existe na imaginação do indivíduo, em *forças essenciais efetivas e poder efetivo*¹⁹”. O dinheiro inverte os princípios éticos²⁰ em valorização de coisas, configurando-se como elemento fundamental na consolidação da sociedade do *ter* em detrimento do *ser*, tomando seu ápice na sociedade que tem como estratégia de reprodução o capital a juros.

No século XXI, o capital a juros tornou-se a principal forma de rendimento no modelo de acumulação flexível. Para Antunes (2010, p.191), essa perversa conjuntura – barbárie – é a “expressão mais profunda da crise estrutural que assola a (des)sociabilização contemporânea”:

destrói-se força humana que trabalha; destroçam-se os direitos sociais; brutalizam-se enormes contingentes de homens e mulheres que vivem do trabalho; torna-se predatória a relação/natureza, criando-se uma monumental “sociedade do descartável”, que joga fora tudo que serviu como “embalagem” para mercadorias e o seu sistema [...].

Nessa “era dos descartáveis”, a sociabilidade é regida pela intensa exploração do trabalho e destruição da natureza, evidenciando a incontrollabilidade do sistema que a produz. Na era da mundialização financeira a descartabilidade revela, de modo sem precedentes, a face destrutiva do capital, de largas consequências sociais e ambientais, dinâmica esta que invoca como imperiosa a necessidade do debate acerca das alternativas ao projeto civilizatório do capital e ao mundo por ele criado “à sua imagem e semelhança”.

¹⁹ “Como tal poder *inversor*, o dinheiro também atua contra o indivíduo e contra os laços sociais, etc., que se dizem essenciais. Transforma a fidelidade em infidelidade, o amor em ódio, o ódio em amor, a virtude em vício, o vício em virtude, o servo em senhor, o senhor em servo, a estupidez em entendimento, o entendimento em estupidez. Como o dinheiro, enquanto conceito existente e ativo do valor, confunde e troca todas as coisas, então ele é a *confusão* e a troca de todas as qualidades humanas e naturais” (MARX, 1978b, p.32).

²⁰ Ver SARMENTO, Hélder Boska de Moraes. Ética e Serviço Social: fundamentos e contradições. *Rev. katálysis* [online]. 2011, vol.14, n.2, pp. 210-221. ISSN 1414-4980.

III. Conclusões

O processo de transformação da natureza nas sociedades comunais e em sociedades pré-capitalistas toma outra dimensão na ordem do capital. Os recursos naturais tornam-se mercadorias tanto para atender às necessidades sociais criadas por essa forma de sociabilidade como para gerar mais lucros à burguesia, classe dominante. A apropriação privada da natureza e da força de trabalho constitui a força motriz do capitalismo.

A questão ambiental, elemento estruturante do objeto deste estudo, se insere na contraditória relação entre finitude dos recursos naturais e as necessidades de expansão da produção capitalista. Por isso, na contemporaneidade, esta contradição integra a crise estrutural do sistema capitalista e os limites intrínsecos dessa engrenagem, posto que a necessidade de expansão contínua da produção, como elemento essencial da dinâmica do capital, ocorre mediada pela descartabilidade, acentuando, sobremaneira os seus efeitos destrutivos.

IV. Bibliografia

ANTUNES, Ricardo. *Adeus ao Trabalho?* Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade no mundo do trabalho. 14º ed. São Paulo: Cortez, 2010.

FOLADORI, Guillermo. *O metabolismo com a natureza*. Revista Crítica Marxista, São Paulo, nº 12, 2001. Disponível em <http://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/artigo7505folad.pdf>.

_____. *A reedição capitalista das crises ambientais*. Revista Outubro, São Paulo, n.17, 2008. Disponível em: <http://www.revistaoutubro.com.br/edicoes/17/Artigo_07.pdf>.

HARVEY, David. *O enigma do capital e as crises do capitalismo*. São Paulo: Boitempo, 2011a.

_____. *Condição Pós-Moderna*. São Paulo: Edições Loyola, 2011b.

IAMAMOTO, Marilda. *Serviço Social em tempo de capital fetiche: capital financeiro, trabalho e questão social*. 5º ed. São Paulo: Cortez, 2011.



XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

MANDEL, Ernest. *O capitalismo tardio*. São Paulo: Abril Cultural, 1982 (Coleção Os Economistas).

MARX, Karl. *Manuscritos econômicos-filosóficos*. Tradução, apresentação e notas de Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo, 2010.

_____. O rendimento e suas fontes – A economia vulgar. In *Manuscritos econômicos-filosóficos e outros textos escolhidos*. São Paulo: Abril Cultural, 1978a (Coleção Os Pensadores).

_____. Manuscritos econômicos-filosóficos (Terceiro Manuscrito). In *Manuscritos econômicos-filosóficos e outros textos escolhidos*. São Paulo: Abril Cultural, 1978b (Coleção Os Pensadores).

_____. *O capital*. Vol. III. São Paulo: Abril Cultural, 1984. (Coleção Os Economistas).

_____; ENGELS, Friedrich. *Manifesto do Partido Comunista*. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

MÉSZÁROS, István. *Para além do capital: rumo a uma teoria de transição*. Tradução de Paulo César Castanheira e Sérgio Lessa. São Paulo: Boitempo, 2011.

NETTO, José Paulo. *Crise do capital e consequências societárias*. Serviço Social e Sociedade, São Paulo, n.111, 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/sssoc/n111/a02.pdf>>.

SANTOS, Ana C. do Nascimento. *A relação homem/natureza: a destruição da natureza na sociabilidade capitalista*. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Programa de Pós-Graduação em Serviço Social, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2014.

TONET, Ivo. Pluralismo Metodológico: um falso caminho. In *Democracia ou Liberdade?* Maceió: EDUFAL, 2007. Disponível em <http://www.ivotonet.xpg.com.br/arquivos/pluralismo_metodologico.pdf>.